

INSTITUTO  
 Documentação  
 SOCIOAMBIENTAL  
 Fonte: *06/08/00*  
 Data: *29/2/2000* Pg. *7*  
 Class.: *581M10001*

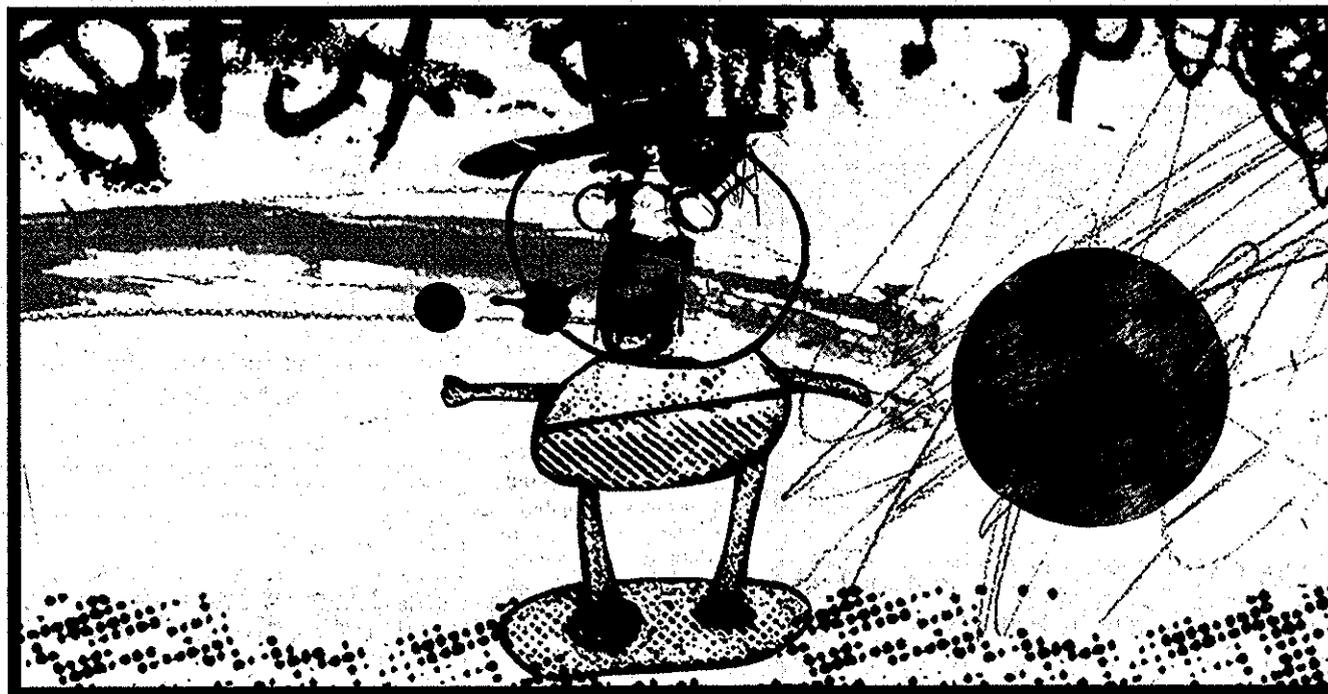
# Um apocalipse ambiental

AUGUSTO MARZAGÃO

A mídia brasileira não deu o merecido espaço, com as preocupações correspondentes, ao que foi previsto sobre o meio ambiente global no relatório "Estado do Mundo 2000", da ONG Worldwatch Institute, de Washington. O documento não poderia ser mais contundente e inquietante em relação às catástrofes climáticas que nos esperam nos próximos anos. As análises prospectivas só apontam tendências para o agravamento dramático das convulsões ambientais que o castigado planeta vem experimentando ultimamente. Tragédias como a dos furacões na América Central, as enchentes que mataram mais de 30 mil pessoas na Venezuela, as inundações na China e na Índia, os terremotos na Turquia, no Paquistão e outras regiões, os grandes temporais na Europa Ocidental, tudo isso poderá repetir-se com frequência cada vez maior e efeitos crescentemente arrasadores.

Certamente a ONG reconhece também as causas naturais dos desequilíbrios ecológicos (por exemplo, as variações da energia solar, as erupções vulcânicas, as interações entre a atmosfera e os oceanos, a acomodação das placas tectônicas na litosfera), mas enfatiza a participação das atividades humanas nos desastres climáticos que sacrificam a fauna, a flora, a fertilidade do solo e afinal o próprio homem depois de haver chegado ao topo da cadeia evolutiva da vida terrestre.

A devastação provocada por mentes e mãos humanas já significou, segundo o relatório, a extinção de 11% das espécies de aves, 25% das de mamíferos e o risco iminente para a preservação de 34% das espécies de peixes. A que ponto chegaremos se os países mais ricos, progressistas e civilizados da Terra não passarem das tímidas medidas de política conser-



vacionista para uma verdadeira cruzada de salvação global, anulando nessa beira de precipício as diferenças entre as nações desenvolvidas e as miseráveis? Afinal não foram gastos 500 bilhões de dólares contra o fantasma chamado bug do milênio? O perigo ecológico deixa muito para trás as ameaças dos computadores eventualmente endoidecidos.

Praticamente não há dia em que o desolado testemunho mundial deixe de receber o impacto das explosões ambientais. O próprio relógio das estações climáticas, mesmo nas áreas onde costuma funcionar regularmente, parece fora de controle. Nevascas prematuras e violentíssimas nos Estados Unidos e na Europa, neve no Saara e em Jerusalém, tempestades fora do programa e da capacidade de reação no Primeiro Mundo, temperaturas recordes no calor e no frio, secas prolongadas em lugares do mundo e do Brasil sempre beneficiados pelo regime de chuvas, o cenário criado nesta passagem de século é

de estarrecer. E não se diga que os serviços de previsão meteorológica estão defasados, pois contam hoje com o prodigioso apoio dos satélites, do monitoramento espacial e de outros avanços tecnológicos e científicos.

As variações anormais de temperatura no Pacífico Equatorial e Oriental, ora com as suas águas aquecidas de alguns graus, ora resfriadas, já eram bastante conhecidas dos oceanógrafos e meteorologistas. Só de alguns anos para cá, entretanto, ganharam notoriedade internacional com os nomes de "El Niño" e "La Niña". A novidade, no momento, é o batismo de "La Mama" para eventos que escapam do esquema estabelecido, embora fosse natural que o "La Mama" aparecesse antes dos seus filhos travessos, entretidos em misturar as pedras do xadrez sazonal.

Muita gente já se satisfaz, no Brasil, em responsabilizar "El Niño" e "La Niña" pelas contradições e adversidades climáticas, uma forma de fata-

lismo que só exigiria de nós a conformação diante dos caprichos da natureza. Na verdade, o caminho do combate à poluição ambiental, cujas origens são tantas e tão diversificadas, mantém-se como meta prioritária não só de qualquer política pública afinada com a modernidade como também dos compromissos educacionais, culturais e de consciência social e humanística de todos os cidadãos.

O Brasil precisa o quanto antes cumprir a sua parte, sem esperar que a globalização dos problemas do meio ambiente (incluindo o degelo nos pólos, o buraco de ozônio) se transforme também em globalização das soluções de emergência e de médio e longo prazos. E é muito pesada a nossa carga de culpas, de agressões à natureza, de crimes ambientais: os desmatamentos e as queimadas em vasta extensão do território nacional; a morte dos rios, pelo lançamento de dejetos industriais, descargas de lixo e esgoto in natura, as-

soreamentos, garimpagem; poluição das baías, com os vazamentos de óleo e outras práticas predatórias da fauna e da flora marinhas; emissão de gases poluentes pelos veículos, fábricas e aparelhos domésticos nos grandes centros urbanos e proximidades; os agrotóxicos; modos exterminatórios de tratamento do solo que resultam em desertificação e erosões; o malbaratamento dos recursos hídricos, sabidamente exauríveis no mundo.

As graves questões do meio ambiente só atingem o nível adequado de seriedade em face de situações traumáticas, como se viu no caso atual do vazamento de óleo na Baía de Guanabara. Falta um tratamento sistemático, de rotina severa, de tolerância zero, bem apoiado em recursos financeiros, tecnológicos e humanos, algo pelo qual se esforça no momento o Ministério do Meio Ambiente, sobretudo depois de munido da legislação de crimes ambientais.

Não basta pensar em políticas sociais, em programas de erradicação da pobreza. A salvação do nosso lar comum, o planeta Terra, está certamente em primeiro lugar, pois de que adiantará distribuir mais equitativamente a renda e melhorar a qualidade de vida dos povos se desabar o chão onde pisamos e vivemos e formos asfixiados pela atmosfera envenenada?

Cumpra ao Governo federal, assim como aos estaduais e municipais, uma campanha ininterrupta em defesa do meio ambiente, constando de mensagens educativas e de advertências, com ensinamentos práticos e também ameaças de punição. Nas escolas e universidades há que se criar currículo de ensino ambientalista. Não é o frenesi ecológico, mas apenas uma maneira de enfrentar um desafio de máxima gravidade e urgência com racionalidade e responsabilidade.